



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E FORMAÇÃO CRÍTICA: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA EM PROL DO LETRAMENTO DIGITAL DE ADOLESCENTES

Rebeca Cristina Borges
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Dr.^a Fernanda Costa Ribas
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Resumo: Amparada nos estudos sobre multiletramentos, letramento digital, letramento crítico e inteligência artificial (IA), neste artigo, apresento minha experiência como educadora no Telecentro de Monte Alegre de Minas-MG no desenvolvimento de uma oficina que tinha como foco contribuir para o desenvolvimento do letramento digital de quatro alunas adolescentes, a partir de atividades que envolviam, em grande medida, o uso de recursos de inteligência artificial generativa. A experiência aqui relatada é fruto de um projeto de iniciação científica, na área de Linguística Aplicada, que realizei enquanto aluna do Curso de Letras: inglês e literaturas de Língua Inglesa de uma universidade mineira. A pesquisa, de abordagem qualitativa e exploratória, foi desenvolvida por um período de 12 meses, de forma a responder à seguinte pergunta de pesquisa: como as atividades pedagógicas que utilizam inteligência artificial podem promover o avanço do letramento digital das alunas? No ambiente educacional, recursos de IA têm sido frequentemente utilizados, tanto por educadores quanto por alunos, e, dependendo de como são empregados, podem atuar como facilitadores na construção de conhecimentos. Contudo, como qualquer criação humana, a IA contém tendências e vieses, sendo extremamente importante saber e entender seu funcionamento, o que foi abordado nas oficinas discutidas neste artigo.

Palavras-chave: Inteligência artificial; Letramento digital; Letramento crítico; Multiletramentos; Ferramentas digitais.

Artificial intelligence and critical thinking: reports from an educational experience promoting digital literacy among adolescents

Abstract: Based on studies on multiliteracies, digital literacy, critical literacy, and artificial intelligence (AI), in this article, I present my experience as an educator at the Telecentro de Monte Alegre de Minas-MG in developing a workshop that focused on contributing to the development of the digital literacy of four teenage students, based on

activities that involved, to a large extent, the use of generative artificial intelligence resources. The experience reported here is the result of a scientific initiation project in the field of Applied Linguistics, which I carried out as a student of the English Language and Literature Course at a university in Minas Gerais. The research, which took a qualitative and exploratory approach, was conducted over a period of 12 months in order to answer the following research question: How can pedagogical activities that use artificial intelligence promote the advancement of students' digital literacy? In the educational environment, AI resources have been frequently used by both educators and students and, depending on how they are employed, can act as facilitators in the construction of knowledge. However, like any human creation, AI contains tendencies and biases, and it is extremely important to know and understand how it works, which was addressed in the workshops discussed in this article.

Keywords: Artificial intelligence; Digital literacy; Critical literacy; Multiliteracies; Digital tools.

Introdução

O tema deste artigo é conceituar a Inteligência artificial (IA) e apresentar a experiência da presente autora como educadora no Telecentro de Monte Alegre de Minas-MG, no desenvolvimento de uma oficina que visava contribuir com o letramento digital crítico, incluindo letramento em IA, de adolescentes. O interesse se deu por eu ser aluna do curso Letras: Inglês e Literaturas de Língua Inglesa, e ter atuado na área da educação como professora no curso de informática básica no Telecentro de Monte Alegre de Minas-MG. Nesse contexto, desenvolvi um projeto de iniciação científica na área de Linguística Aplicada, no período de 12 meses, tendo como participantes quatro alunas do referido Telecentro.

O Telecentro é um Ponto de Inclusão Digital (PID) gratuito, com computadores e conexão à internet para uso da comunidade, desenvolvido pela prefeitura e atua por 6 meses no município de Monte Alegre de Minas-MG. Seu principal objetivo é atender estudantes e trabalhadores, para aprimorar suas habilidades e entendimentos sobre o uso das ferramentas digitais em seu dia a dia. É um espaço público que realiza oficinas e eventos culturais para a comunidade.

O objetivo geral da pesquisa de IC, que aqui relato, foi explorar como a incorporação de Inteligência Artificial em atividades didáticas, aplicadas por mim no Telecentro de Monte Alegre de Minas, pôde encorajar o desenvolvimento do letramento digital de quatro alunas adolescentes. Como objetivos específicos da pesquisa, tem-se: 1) aprimorar minhas abordagens de ensinar no Telecentro no trabalho com letramento

digital e recursos de inteligência artificial no ensino de linguagens e 2) promover a inclusão digital e o letramento digital das alunas, por meio do planejamento e aplicação de atividades didáticas envolvendo uso de recursos de inteligência artificial em uma perspectiva crítica.

Foram realizados oito encontros durante a oficina, um em cada semana, com questões e exercícios específicos, descritos nas seções de metodologia e análise de dados. As reações das alunas a cada atividade foram registradas na forma de anotações após cada encontro, imprescindíveis para que eu pudesse refletir em que medida as atividades contribuíram para o desenvolvimento do letramento digital das alunas e sua inclusão digital. Também me baseei em meus planos de aula de cada encontro para que pudesse refletir sobre os tipos de atividades propostas e as estratégias didáticas empregadas nas oficinas.

Para entendimento da temática, o trabalho é estruturado em fundamentação teórica, que abordará os autores e conceitos em que me apoio, como letramento digital, inclusão digital e inteligência artificial; metodologia, na qual descrevo o processo de desenvolvimento da pesquisa e das atividades pedagógicas aplicadas nas oficinas; análise de dados, em que interpreto os resultados obtidos da pesquisa e, por fim, as considerações finais sobre a pesquisa desenvolvida no Telecentro.

A IA no ambiente educacional vem ganhando espaço e tem sido usada tanto por educadores quanto por alunos, podendo atuar como facilitadora na pesquisa e na produção de conteúdo. Contudo, ela também apresenta limitações, sendo extremamente importante problematizar seus usos e promover reflexões que favoreçam o letramento em IA, que será abordado neste artigo.

1. Fundamentação teórica

A Inteligência Artificial (IA), mesmo parecendo um conceito da atualidade, possui origens desde meados do século XX, se desenvolvendo com os avanços tecnológicos e abarcando não apenas conhecimentos nas áreas exatas, como matemática e ciência da computação, mas também na área da psicologia cognitiva e políticas sociais. Seu marco inicial foi atribuído à Conferência de Dartmouth, em 1956, onde o termo “Inteligência Artificial” foi denominado por John McCarthy. Outros pesquisadores como Marvin Minsky, Allen Newell, Herbert Simon e Arthur Samuel começaram a abordar a possibilidade de

máquinas imitarem ou até mesmo superarem capacidades humanas. O início dos testes foram realizados com tarefas simbólicas e lógicas, como jogos de xadrez e provas de teoremas, demonstrando o potencial de programas que podiam "pensar" (Costa *et al.*, 2024)¹.

Ainda segundo Costa *et al.* (2024), as décadas seguintes foram marcadas por períodos de euforia e decepção em relação à IA, conhecidos como “invernos de IA”, pois havia ainda muitas limitações tecnológicas e financeiras para aprofundar estudos e práticas sobre esses recursos. A partir do século XXI, foram feitos maiores avanços, com o surgimento de novas formas de tecnologias como, redes sociais como Facebook, Instagram, armazenamento de documentos como Google Drive, entre outros, devido aos avanços temporais, aumento do poder computacional e maiores acessos à população. Aos poucos, a IA foi aprendendo padrões complexos a partir de dados, avançando no reconhecimento de voz, imagem, processamento de linguagem natural, dentre outros.

A partir dos anos 2000, a IA passou a chamar atenção dos meios de comunicação e do público em geral, inclusive nas áreas da saúde, assistência e educação, como é ressaltado no documento intitulado Estratégia Brasileira de Inteligência Artificial (Brasil, 2021)²:

No âmbito da Estratégia Brasileira para a Transformação Digital (E-Digital), aprovada em março de 2018, pelo Decreto nº 9.319/2018 e pela Portaria MCTIC nº 1.556/2018, já se sinalizava para a importância de se tratar de maneira prioritária o tema da IA em razão de seus impactos transversais sobre o país. O Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), por meio da Portaria MCTIC nº 1.122/2020, definiu como prioridade a área de Inteligência Artificial, no que se refere a projetos de pesquisa, de desenvolvimento de tecnologias e inovações, para o período 2020 a 2023. Nesse sentido, foi elaborada a Estratégia Brasileira de Inteligência Artificial – EBIA (Brasil, 2021 p.2).

A análise de documentos institucionais e estratégicos, como a EBIA, possibilita entender que a discussão sobre IA vai além dos aspectos técnicos, englobando também conflitos políticos, econômicos e sociais relacionados à sua regulamentação, produção e aplicação no Brasil. O referido documento salienta que é importante nortear, criar legislações e metas sobre a IA, em prol do desenvolvimento humano. Como se trata de

¹ Estudo sobre inteligência artificial generativa, pelo Governo Federal através ANPD- Autoridade Nacional de Proteção de Dados.

² Conforme consta no documento, “Esta Estratégia assume o papel de nortear as ações do Estado brasileiro em prol do desenvolvimento das ações, em suas várias vertentes, que estimulem a pesquisa, inovação e desenvolvimento de soluções em Inteligência Artificial” (Brasil, 2021, p. 2).

algo recente e que está em constante mudança, a evolução da IA deve ser avaliada e monitorada sempre.

Principalmente após os anos 2000, vão surgindo plataformas de aprendizagem adaptativas utilizando IA, para auxiliar nos desempenhos escolares, como: Google, Yahoo, novas formas de tecnologias, como redes sociais (Facebook e Instagram) e serviços de armazenamento em nuvem, como Google Drive, aprimorando o ensino a distância e trabalho home office:

Segundo a publicação **“Tendências em Inteligência Artificial na Educação”**, elaborada por Rosa Maria Vicari, parte significativa da produção científica atual em inteligência artificial está relacionada com o tema da educação. O interesse indica forte presença de aplicação da tecnologia nos sistemas educacionais e, conseqüentemente, um grande impacto nos processos de ensino-aprendizagem no curto e no médio prazo (Mekari, 2023, p.1).

Uma plataforma que fez e faz bastante sucesso, principalmente no mundo acadêmico, como explica Sobreira (2025) é o ChatGPT, disponibilizado, no final de 2022, de forma gratuita e de fácil manuseio. Este novo modelo de linguagem avançado hoje em dia é bastante utilizado, principalmente no meio acadêmico para a geração de textos.

Existem variações desta plataforma, como, por exemplo, Gemini do Google, Claude, Perplexity, Pi, Poe, Copilot, entre outras. Existem plataformas pagas e gratuitas, que necessitam de contas para manusear. A cada dia, novas plataformas surgem, com novas opções para auxiliar nas pesquisas, na obtenção de informações e para facilitar a dinâmica do tempo em nosso dia a dia (CARVALHO, 2024).

Sobreira (2025) salienta que, apesar da facilidade que o ChatGPT traz para o mundo acadêmico, devemos refletir sobre seus aspectos tanto positivos quanto negativos na educação. Alguns alunos e pesquisadores acabam por utilizar o recurso de forma demasiada. Vemos trabalhos sendo feitos, do início ao fim, por inteligência artificial, sem muita intervenção humana. Trata-se de um movimento muito semelhante ao plágio, levando autores a não realizar e não entender a própria pesquisa. Nos últimos anos, surgiram ferramentas que procuram detectar possíveis aplicações de IA em trabalhos acadêmicos. No entanto, a eficácia e a confiabilidade desses mecanismos têm sido objeto de intensos debates, especialmente em face das complexidades técnicas para diferenciar textos escritos por humanos daqueles criados ou modificados por inteligência artificial. Nesse contexto, é fundamental incentivar práticas pedagógicas que fomentem o uso ético,

crítico e reflexivo da IA na educação, em vez de confiar apenas em tecnologias de detecção, conforme explica Venzi (2024) acerca de uso de IA e plágio,

As novas tecnologias permitem pesquisas mais específicas e categorizadas em diferentes contextos. Antes, a realidade dos estudantes era uma consulta na biblioteca ou a leitura de várias páginas na internet. Agora, basta digitar uma pergunta no ChatGPT. Ou seja, a obtenção de informações segmentadas é ainda mais facilitada. É comum que as diferentes ferramentas de IA não citem as fontes originais dos dados. Assim, ao utilizar textos ou até mesmo imagens geradas por estas plataformas o aluno pode cometer um plágio. Para evitar isso, é importante sempre apurar as fontes das informações encontradas. Além disso, os docentes devem alertar os alunos sobre os riscos do plágio, que é crime conforme previsto na lei brasileira (Venzi, 2024, p.1).

Além da preocupação quanto à realização de trabalhos acadêmicos por meio da IA, há também o receio da substituição de algumas tarefas e ações humanas com o uso demasiado desse recurso, o que poderá provocar a extinção de alguns postos de emprego, como esclarece Júnior (2023):

É um tema polêmico e há defensores da tese que, ao mesmo tempo que as aplicações baseadas em algoritmos de inteligência artificial (IA) irão acabar ou mesmo modificar profundamente algumas funções, haverá o surgimento de novas funções, que irão requerer novas habilidade, que serão suprimidas pelos profissionais que tiveram as funções atuais afetadas. De outro modo, existem defensores da tese que o impacto nos trabalhos será enorme, provocando desemprego, principalmente para aqueles trabalhadores que não conseguirem se atualizar para os novos requisitos profissionais e mesmo skills que serão demandados. Independente da tese defendida, há consenso que as atividades com caráter repetitivo ou mesmo passíveis de automação já estão sofrendo e sofrerão mais ainda um impacto. Há também uma certeza de que, embora muitas profissões irão desaparecer, muitas das atuais não totalmente, mas serão profundamente modificadas devido a IA e robótica (Júnior, 2023, p.1).

Conforme Junior (2023), há muitas expectativas e previsões para o futuro em torno da IA. Há desafios e avanços que a IA desencadeia e ainda irá desenvolver em nossa sociedade. O certo é que não há como reprimir esta realidade. No âmbito educacional, é importante trazer para reflexão e debate em sala os aspectos positivos e negativos do uso de IA, assim como utilizá-la a favor do aprendizado e do conhecimento.

Para além desses desafios envolvendo a IA, existem também questões de infraestrutura e recursos quando se trata do uso de tecnologias digitais na educação. De acordo com Braga e Vóvio (2015), não há como utilizar tecnologias no ensino sem sala específica, materiais digitais, internet e educadores com qualificação nesta área. É preciso

incluir tanto os alunos que possuem fácil acesso à internet e aos aparelhos digitais em seu dia a dia, quanto alunos que não possuem esta facilidade em sua rotina, sendo de extrema importância haver suporte e mediadores na produção de conhecimento e aprendizagem em sala de aula. Sobre inclusão digital, Buzato alerta que,

Na maior parte dos casos, porém, quem fala em inclusão fala do lugar de incluído, isto é, fala como alguém que se entende como pertencente a um contexto estável e homogêneo no qual o objetivo ou ideal que aqueles termos desgastados descrevem teria sido plenamente alcançado, alguém que já definiu aquilo que é, tem ou faz como o bom e necessário para todos, e que está disposto a trazer para esse mesmo espaço o “excluído”, isto é, aquele que, por influência do destino, da natureza, da tradição, de seus próprios hábitos, da sua própria ignorância ou de alguma fatalidade histórica, não “adentrou” tal condição (Buzato, 2008, p. 325-326).

Quais são os usos das tecnologias digitais que já vem sendo feitos pela população considerada excluída? Uma pergunta que nesta pesquisa responderemos ao longo do estudo, ao fazer um diagnóstico da turma de adolescentes do Telecentro, antes de iniciar o trabalho com IA.

É interessante entender que para a inclusão digital também é importante analisar aspectos sociais e ligados aos processos de aprendizagem de toda equipe escolar, tanto os alunos quanto os mediadores e educadores, pois não há como haver inclusão digital sem o acesso às tecnologias existentes, sem uma qualificação adequada da equipe, sem entendimento sobre o que as tecnologias mudam em nossa forma de ensinar, aprender e construir conhecimento (Braga; Vóvio, 2015).

O letramento digital docente envolve diferentes níveis de apropriação tecnológica, vivências pedagógicas e contextos institucionais. Nesse cenário, docentes que conseguem incorporar ferramentas digitais às práticas pedagógicas, como vídeos, jogos eletrônicos, blogs, podcasts e redes sociais, podem estimular o desenvolvimento do letramento digital dos alunos e reconhecer as possibilidades dessas tecnologias para o ensino e a aprendizagem. Ademais, essas práticas podem encorajar os estudantes a realizarem trabalhos individuais e em grupo, avaliações e apresentações utilizando recursos digitais (Tumolo, 2014).

Como explica Silva (2020), em alguns casos, os alunos estão imersos no contexto digital, mas não refletem sobre os multiletramentos presentes nesse contexto. O autor cita como exemplo o caso dos memes que circulam no ciberespaço, espaço esse que, para Silva,

Acolhe uma diversidade de leitura hipertextual, dentre elas destacamos a dos memes de internet, que se tornam uma oportunidade de formação leitora, pois, apesar de os meninos/as estarem conectados, estes, muitas vezes, estão imersos de forma técnica, não dialogando com potencialidades de compreensão e de interpretação inerentes a esse gênero discursivo. Importa, então, discutir, no contexto educacional, o modo como o leitor em formação seleciona e recebe tais textos (SILVA, 2020, p.20).

Joaquim, Vóvio e Pesce (2020) entendem que o letramento digital vai além da compensação da falta de habilidades tecnológicas, mas deve ser um processo crítico e emancipatório. Não seria apenas entender como usar um software ou aplicativo, mas entender as implicações sociais, culturais e políticas no uso de tecnologias. Envolve ter um debate crítico e decolonial, tendo o letramento digital como uma ferramenta de empoderamento, podendo ser uma ferramenta que pode auxiliar na resistência a estruturas de poder e injustiças, sendo imprescindível ter consciência crítica para uma transformação social.

Ainda segundo os autores, é importante destacar que o contexto e cenário de pandemia que vivemos em 2020 trouxe impactos nas interações sociais, principalmente no âmbito educacional. Jovens tiveram uma das principais fases de desenvolvimento humano (pré-adolescência e adolescência) em um contexto de confinamento e pânico. As formas de aprendizado mudaram, se tornaram mais “mecânicas” e digitais, principalmente durante e após a pandemia. Sendo assim, para os autores,

É notável a urgência de estudos que aproximem diferentes campos de pesquisa em educação para a compreensão das suas especificidades e pontos de convergência. No contexto da pandemia de COVID-19 e seus desdobramentos, o campo educacional precisa apresentar-se de forma ainda mais crítica, criativa e propositiva. O ano 2020 desvelou as injustiças intrínsecas à educação no país, quando obrigou 48 milhões de estudantes brasileiros da educação básica a terem aulas remotamente, em um contexto em que 20 milhões de domicílios não possuem acesso à internet. Neste mesmo bojo, assiste-se a políticas de inclusão digital e processos de letramentos aligeirados e com enfoque puramente instrumental, além do abandono dos alunos da EJA, ainda mais expostos à vulnerabilidade resultante da crise econômica e sanitária, que tende a atingir com mais violência aqueles historicamente subalternizados, como negros, indígenas, periféricos, migrantes, imigrantes, mulheres e idosos (Joaquim; Vóvio; Pesce, 2020, p. 264-265).

Segundo Lee (2019), o letramento digital se relaciona com a participação social e o uso de tecnologias em contextos de desigualdade, devendo haver o levantamento crítico, que seria o entendimento para além dos conhecimentos digitais, compreender o social

como um todo. É importante analisar grupos, principalmente os menos favorecidos, que estão ou não estão inseridos em práticas digitais e incluí-los ao acesso à tecnologia, devendo o educador ter entendimento crítico das dinâmicas sociais, culturais e políticas em atividades que envolvam o uso da tecnologia. É importante inserir o aluno com conceitos de seu dia a dia para terem melhor entendimento do conteúdo, além de fazerem análises críticas dos prós e contras do uso de tecnologias em seu aprendizado.

De acordo com Silva (2020), o letramento digital deve estar ligado ao letramento crítico, pois é importante entender tanto os conceitos técnicos de como funciona a tecnologia, quanto como usar recursos digitais a favor da aprendizagem. Em se tratando do uso de IA, como pontuam Pérez-Paredes, Curry e Ordoñana-Guillamón (2025, p. 6), o letramento crítico em inteligência artificial é necessário e este “envolve não apenas conhecimento técnico, como também conhecimento conceitual das capacidades e limitações da IA, além da sensibilização de suas ramificações sociais e éticas dentro e fora de contextos disciplinares”. Nesse sentido, fomentar o letramento crítico em IA requer a compreensão de que essas tecnologias geram efeitos que vão além do ambiente escolar, afetando as práticas sociais, a disseminação de informações, as dinâmicas de poder e os métodos de produção do conhecimento. Portanto, não é suficiente apenas saber usar ferramentas de IA; é preciso avaliar criticamente os conteúdos produzidos, suas limitações, vieses e implicações éticas.

A IA é uma invenção humana; portanto, não é uma tecnologia neutra. Ela aprende a partir dos dados que lhe são fornecidos, que possuem informações que carregam preconceitos, normas, valores e padrões. A partir de um prompt³, a IA irá colher informações em sua base de dados, que é alimentada por pessoas que carregam suas próprias ideologias. Há ainda debates em aberto em alguns países, incluindo discussões sobre legislações para regulamentar o uso de IA. É necessário refletir, ter letramento crítico, distinguir o que é informação, desinformação, divulgação, exposição, liberdade de expressão e crime (Lee, 2019). Isso faz parte do letramento crítico em IA.

A partir do momento que o educador inclui o aluno no processo de aprendizado, não apenas como um espectador que irá absorver um conhecimento, mas participar das

³ O termo prompt é usado na área da tecnologia para descrever um meio de interação entre seres humanos e um software. Em ferramentas com inteligência artificial generativa, como ChatGPT, Microsoft Copilot e Gemini Google, os prompts são comandos dados pelos usuários para a IA poder gerar uma resposta. Por exemplo, se o usuário quisesse ajuda para criar uma lista de compras, o prompt usado poderia ser “Escreva uma lista de compras incluindo todos os itens da cesta básica” (Vilarinho, 2024, p1).

discussões em sala, de forma crítica, o desenvolvimento intelectual atinge um patamar mais perto do empoderamento de uma educação libertadora, como afirma Freire (1986).

Seguindo as ideias de Freire, é possível alcançar o aluno com base naquilo que ele vive em seu dia a dia. Ou seja, seu entendimento é facilitado utilizando conceitos e ferramentas do cotidiano do aluno, a fim de que esses consigam assimilar os conteúdos. As ferramentas digitais, incluindo os recursos de IA, fazem parte do cotidiano de muitos alunos, mesmo aqueles que vivem em cenários marcados por desigualdade social. Utilizá-las como forma de aprendizado é uma ferramenta a mais para a didática em sala. Contudo conforme Kaufman e Santaella (2020), da mesma forma que as plataformas disseminam informações, também propagam desinformações (fake news) que, para as autoras, têm nas “bolhas”⁴ sua principal causa:

O tema das “bolhas” tem sido intensamente explorado na bibliografia acadêmica e não – acadêmica, particularmente no campo de comunicação. Não é por acaso, pois a questão das bolhas está na base da proliferação de fake News que tanto tem abalado os princípios do jornalismo. A principal crítica às bolhas consiste na homogeneização que estas promovem das relações sociais ao manter os indivíduos em círculos sociais fechados, formados por iguais (Kaufman; Santaella, 2020, p. 7).

Contudo, conforme Kaufman e Santaella (2020), as plataformas digitais não apenas divulgam informações, mas também facilitam a propagação de desinformação (fake news), principalmente por meio da criação de “bolhas” informacionais. Essas bolhas são fenômenos gerados pelas dinâmicas das redes sociais digitais, cujos algoritmos geralmente selecionam e priorizam conteúdos que correspondem aos interesses, preferências e interações passadas dos usuários. Como resultado, as pessoas começam a consumir informações semelhantes, diminuindo o contato com pontos de vista diferentes e agravando a polarização social e política.

O conceito de “bolhas” tem recebido uma atenção significativa na literatura acadêmica e não acadêmica, especialmente no âmbito da comunicação. Não é por acaso, já que a questão das bolhas está no cerne da disseminação de notícias falsas, que tem comprometido significativamente os fundamentos do jornalismo. A principal objeção às bolhas sociais reside na uniformização que elas fomentam nas relações interpessoais, ao

⁴ Segundo Gobira (2021), este termo denomina pessoas que defendem uma ideia ou ideal pré-concebido através de suas experiências sociais em um determinado grupo, colocando em pauta suas percepções neste pequeno núcleo, acreditando que estas experiências individuais baseadas no senso comum seriam uma realidade em todos os outros indivíduos de outros grupo.

manter as pessoas em círculos sociais restritos, compostos por indivíduos semelhantes (Kaufman; Santaella, 2020, p. 7).

As bolhas informacionais, nesse contexto, geram não só efeitos comunicacionais, mas também impactos materiais e políticos, afetando a participação social, a percepção da realidade e a disseminação de discursos de ódio, desinformação e extremismos.

Conforme salientado nesta fundamentação, a IA foi uma descoberta que não é atual; foi gradativa sua evolução, chegando a seu ápice em 2022. Hoje em dia é utilizada de forma corriqueira pelas pessoas em qualquer segmento, bastando um celular e internet para acessá-la, tanto em redes sociais quanto em mecanismos de busca, como Google e Yahoo. Enquanto anteriormente usávamos principalmente ferramentas de busca para pesquisas simples, hoje em dia recursos de IA generativa, como o ChatGPT, tornaram-se bastante populares para a obtenção de informações e criação de conteúdo.

Esta ferramenta gera textos com informações obtidas por meio de pesquisas humanas, sintetizando e resumindo conteúdos tanto para nosso dia a dia, quanto para a entrega de alguma demanda do mercado de trabalho ou âmbito educacional.

Também foi abordado nesta pesquisa que esta tecnologia foi criada pelo ser humano, que é carregado de conceitos, culturas, morais e valores, trazendo informações assim como desinformações. Como a IA se adapta, reproduz conteúdo obtido em sua base de dados, consegue por meio do algoritmo detectar padrões, interpretar tendências, trazendo informações que o indivíduo procura.

Bofante (2024) ressalta que, ao abordar o funcionamento do ChatGPT em contextos de produção textual, ainda existe pouca clareza sobre os dados que alimentam os sistemas de IA generativa e sobre os critérios utilizados em seus processos de treinamento. De acordo com o autor, isso torna mais difícil entender completamente os vieses ideológicos e os modos de operação dessas ferramentas, principalmente porque seus bancos de dados são continuamente atualizados com conteúdos criados e compartilhados pelos usuários online.

Bonfante, 2024, acrescenta que o ChatGPT se fundamenta em modelos de linguagem treinados para processar e produzir textos em linguagem natural, possibilitando sua interação dialógica com as pessoas. Nesse contexto, o uso dessas tecnologias tem gerado discussões e conflitos em várias áreas do conhecimento, principalmente na educação linguística, devido aos seus efeitos sobre autoria, produção de texto e métodos de ensino.

O docente que procura integrar recursos digitais oferecidos pela instituição de ensino em suas práticas pedagógicas como vídeos, jogos eletrônicos, blogs, podcasts e redes sociais, pode auxiliar, em variados níveis e contextos, no aprimoramento do letramento digital dos estudantes. Isso ocorre porque o uso dessas tecnologias, quando combinado com uma mediação crítica e uma abordagem pedagógica intencional, pode promover práticas de ensino e aprendizagem mais envolventes e multimodais. Ademais, docentes com diferentes graus de familiaridade e domínio das tecnologias digitais podem motivar os estudantes a realizarem trabalhos individuais e em grupo, avaliações e apresentações usando recursos digitais (Tumolo, 2014).

Desta forma, utilizar em sala de aula a IA e desenvolver o letramento digital baseado no bom senso e ética é um experimento de grande aprendizado. Assim, incentivamos o aluno em novas descobertas, abrimos novas possibilidades de termos uma ferramenta a mais para aprimoramento intelectual, para desenvolver mais seus conhecimentos.

2. Metodologia da pesquisa

O contexto da pesquisa foi no Telecentro Comunitário de Monte Alegre de Minas, local em que atuei como educadora na disciplina de informática. Este espaço tem como premissa a inclusão digital, funcionando como ponto de acesso gratuito por parte da população a computadores, internet e cursos voltados para o desenvolvimento de competências tecnológicas. O ambiente é dinâmico e multifuncional, atende desde estudantes em busca de apoio para pesquisas escolares até trabalhadores que necessitam aprimorar habilidades para o mercado de trabalho. O Telecentro, além de oferecer cursos e oficinas, realiza eventos culturais, exposições temáticas e orientações para acesso a serviços públicos, consolidando-se como um relevante espaço de aprendizado e integração comunitária.

Algumas das atividades que desempenhei no Telecentro incluíam: o uso de sistemas operacionais (*Windows*), ferramentas de produtividade (*Word*, *PowerPoint*, *Excel*) e navegação segura e eficaz na internet, sempre com o objetivo de promover o letramento digital e a habilidade crítica dos usuários. As atividades pedagógicas eram adaptadas a diversos perfis de estudantes, desde crianças em idade escolar até idosos que buscavam inclusão digital. Durante esse tempo, houve a compreensão de que o Telecentro não se

resumia apenas a um laboratório de informática, mas sim a um local de transformação social, em que a tecnologia atuava como um elo para o conhecimento, cidadania e inclusão. Esta experiência desencadeou meu interesse em trabalhar a temática da Inteligência Artificial no cotidiano, com foco em minhas experiências docentes na área de linguagens do Telecentro.

Trata-se de uma pesquisa de Iniciação Científica de abordagem qualitativa e exploratória. Isso porque irá analisar planos de aula e anotações sobre as aulas, que são textos abertos a interpretações (qualitativa) e aplicação na prática no contexto escolhido para investigação de campo (exploratória). O processo de elaboração da pesquisa é de extrema importância, pois nele o pesquisador irá adquirir conhecimentos, aplicar na prática suas considerações e entendimento, assim como analisar os desafios e conquistas, para adequar no cotidiano os resultados alcançados ao longo da pesquisa (GIL, 2008).

De modo a explorar como a incorporação de Inteligência Artificial em atividades didáticas pode encorajar o letramento digital dos usuários do Telecentro de Monte Alegre de Minas, baseando-me em estudos sobre a temática abordada, as ações pedagógicas desenvolvidas giraram em torno de variados temas, sobre IA, *fake news* e desinformação. As atividades foram realizadas em 08 semanas de oficina. Quatro alunas participaram das atividades, as quais serão chamadas de: I, GY, GE, DI, a fim de se manter o sigilo.

Para a geração dos dados da pesquisa, foram utilizados: a) planos de aula por mim produzidos para cada semana de oficina; b) anotações sobre as aulas ministradas semanalmente, em que há o registro e comentários feitos pelas alunas durante as aulas, bem como resultados alcançados com as atividades e dificuldades vivenciadas por mim.

2.1 Sobre as aulas ministradas

Na primeira semana da oficina o tema apresentado foi “*O que é IA e onde está em nossa vida*”. Começamos com uma conversa aberta sobre o conhecimento das alunas com as ferramentas digitais. Assistimos a alguns vídeos e foram apresentados alguns slides explicando o que é Inteligência Artificial. Em seguida, as alunas responderam a algumas perguntas reflexivas para consolidar o conteúdo. A atividade principal foi a criação de um mapa mental com o tema “IA e minha vida: conceito, aplicações, vantagens e limites”, que poderia ser feito em folha A4 ou utilizando o Canva.

Na segunda semana o tema apresentado foi *“Explorando ferramentas de IA: ChatGpt, Gemini e DeepSeek”*. A dinâmica foi a seguinte: as alunas usaram três prompts idênticos em cada ferramenta (sobre *fake news*, saúde mental e mudanças climáticas), e depois refletiram sobre as diferenças entre as respostas dadas por cada recurso, bem como sobre o estilo, a linguagem e a clareza nas respostas das IAs. Também discutimos o que é um *prompt* e como ele influencia o tipo de resposta recebida.

Na terceira semana o tema foi *“Escrevendo com a própria voz: problemas na comunidade e vida cotidiana”*. Depois de duas semanas explorando conceitos e ferramentas de IA, foi proposto às alunas escreverem sem ajuda de tecnologia digital, confiando apenas na própria experiência, opinião e repertório. As alunas redigiram um texto opinativo sobre o tema *“A tecnologia a serviço do bem-estar humano”*, com foco crítico, mas também reflexivo.

Na quarta semana o tema foi *“Reescrevendo com IA de forma crítica”*. O objetivo da aula foi revisar o texto autoral (escrito na 3ª semana) e compará-lo com uma versão reescrita com auxílio da Inteligência Artificial. A proposta era que as alunas refletissem sobre o que muda quando a máquina entra no processo de escrita e o que se ganha, o que se perde, e onde fica a autoria nesse processo.

Na quinta semana de oficina o tema abordado foi *“Imagens com IA e representatividade”*. Discutimos o uso de prompts e os recursos das ferramentas de geração de imagens com IA. Começamos a aula com a criação de imagens a partir de comandos como: *“uma médica”*, *“uma pessoa rica”*, *“um cientista”*. O objetivo da aula era analisar os resultados obtidos a partir dos prompts. Discussões importantes sobre representatividade, viés algorítmico e os limites da “neutralidade” nas tecnologias de IA foram feitas durante a aula.

Na sexta semana de oficina o tema abordado foi *“Fake News e os limites da IA: o que a IA sabe e o que ela não sabe?”*. A proposta era investigar os limites da inteligência artificial, mostrando que, apesar de parecer segura e confiante, a IA apresenta erros. Começamos com um vídeo em que o ChatGPT afirma que “um minuto tem 120 segundos”. A partir daí, partimos para discussões mais sérias sobre *fake news* e os riscos reais do mau uso da IA. Trouxemos o caso do vídeo falso da CNN com Lula e Bolsonaro como exemplo de como a tecnologia pode ser usada para enganar.

A sétima semana teve como tema *“Preparação da apresentação final: criando slides sobre IA e letramento digital”*. O foco foi registrar o que as alunas aprenderam nas semanas

anteriores em apresentações multimodais. A proposta era que cada aluna criasse um conjunto de slides sobre um tema central discutido na oficina, usando plataformas digitais como o Canva, aplicando os conhecimentos construídos ao longo das oficinas.

A última semana foi dedicada à apresentação final e autoavaliação, cujo objetivo era que as alunas refletissem sobre seu percurso na oficina. Foi um momento de partilha, escuta e reflexão coletiva. As alunas apresentaram os slides que prepararam na semana anterior. Organizamos a sala para que todas se sentissem à vontade para falar. Cada uma apresentou suas ideias, explicou as escolhas feitas para os slides e trouxe reflexões sobre a experiência vivida com a oficina. Foram feitas as apresentações orais, seguidas de uma autoavaliação escrita.

3. Análise e discussão de dados

Para a análise de dados, segundo Michel (2009), deve-se ter uma fundamentação teórica e metodológica, ambas referenciadas e apresentadas. O pesquisador deve utilizar a pesquisa de campo para averiguar os assuntos, problemas e discussões realizadas no trabalho em comparação com a vida real, devendo posteriormente analisar os dados coletados, ou seja, relatar, refletir e comentar as respostas obtidas e unificar as percepções do objeto da pesquisa.

O pesquisador deve ir além dos dados, ampliando os seus conhecimentos adquiridos não apenas pela pesquisa teórica e de campo, mas de seus próprios saberes acumulados sobre o tema abordado. E quando forem referenciadas teorias, estas devem ser sustentáveis, lançando esclarecimentos ao estudo em questão: isto seria analisar e interpretar os dados coletados (Gil, 2008).

A análise dos dados foi conduzida com base no pressuposto de que o pesquisador deve contrapor suas percepções sobre o objeto de pesquisa (ou seja, seus próprios saberes acumulados) e a fundamentação teórica estudada. Meu objeto de pesquisa foram as aulas que conduzi como parte da oficina ofertada no Telecentro, tendo por objetivo explorar como a incorporação de Inteligência Artificial em atividades didáticas pode promover a inclusão digital e encorajar o desenvolvimento do letramento digital dos usuários.

Como foi salientado na fundamentação teórica, a educação e o aprendizado ao longo da vida são multidimensionais e abrangem conceitos sociais, culturais, tecnológicos, políticos e econômicos. Com base nesse pressuposto, durante a experiência no Telecentro

e analisando seus objetivos principais, como sendo incluir jovens e adultos ao entendimento digital de forma gratuita, a fim de promover sua inclusão social e digital, reconhecemos a importância do papel ativo dos sujeitos a apropriação das tecnologias, da mediação pedagógica do professor no uso das tecnologias por parte dos alunos. A intervenção por mim realizada durante a oficina articulou práticas de linguagem, mediadas por ferramentas de IA, com reflexões sobre seus usos, limites e implicações sociais, encorajando a participação ativa das alunas na construção de sentidos e na problematização das potencialidades e limitações das tecnologias digitais, principalmente de IA.

Nas duas primeiras semanas da oficina, foram desenvolvidas atividades diagnósticas e formativas, fundamentadas nos pressupostos dos multiletramentos e do letramento digital crítico, com a finalidade de identificar os conhecimentos prévios das alunas a respeito de tecnologias digitais e inteligência artificial, enquanto se incentivava uma reflexão inicial sobre suas aplicações no dia a dia.

Na primeira semana, a aula *O que é IA? Onde ela está na nossa vida?* foi organizada como uma atividade diagnóstica integrada à dinâmica da oficina. Através de roda de conversa, exibição de vídeo, análise de memes e criação de mapas mentais, foi possível entender como as estudantes percebiam o conceito de IA, suas utilizações, benefícios e restrições. Essa atividade possibilitou a observação de percepções iniciais, inquietações e vivências anteriores das participantes com tecnologias digitais. Os resultados da pesquisa mostraram que todas as participantes já usavam ferramentas de IA no dia a dia, especialmente por meio de redes sociais, recomendações automáticas, assistentes virtuais e pesquisas escolares. Ademais, as alunas expressaram preocupações acerca da privacidade, da dependência tecnológica e da substituição das interações humanas pela inteligência artificial, evidenciando uma percepção crítica inicial sobre o assunto.

A segunda semana, a aula *Explorando ferramentas de IA: ChatGPT, GEMINI e DeepSeek*, se concentrou na experimentação prática e comparativa de diversas ferramentas de IA generativa. As alunas empregaram um mesmo *prompt* em todas as plataformas sob análise e avaliaram criticamente as respostas produzidas, levando em conta aspectos como clareza, coerência, criatividade e utilidade. A atividade permitiu entender como as alunas avaliavam a eficácia, as limitações e as possibilidades dessas tecnologias, além de demonstrar o início do desenvolvimento de uma postura crítica em relação ao uso da IA.

Logo nas primeiras semanas de oficina, foi possível depreender que a IA faz parte da vida das alunas. Elas as utilizam, refletem sobre elas, questionam seus usos e querem entender mais seus limites e potencialidades. As alunas se mostraram incluídas, provocadas e desafiadas durante as discussões, o que dá indícios de como, na prática, o letramento digital dos aprendizes pôde ser encorajado, ou seja, por meio de atividades de reflexão sobre textos que circulam na Internet (como os memes), produção escrita (do mapa mental), usando recursos digitais, e testagem de ferramentas de IA, por meio de *prompts*.

Além disso, surgiram reflexões críticas relevantes: a estudante A indagou sobre os efeitos da IA na privacidade; a estudante DI expressou inquietação quanto à substituição das relações humanas por tecnologias, sobretudo no campo da saúde mental; e a estudante GE declarou notar uma crescente dependência das ferramentas digitais no dia a dia. Nas oficinas subsequentes, as alunas começaram a comparar de forma crítica diversas plataformas de IA analisando aspectos como clareza, profundidade e confiabilidade das respostas. Por exemplo, a estudante GE apontou que “a IA depende de dados humanos e pode reproduzir tanto informações certas quanto erradas”, enquanto a estudante GY declarou que “a IA não pensa, porque é uma máquina”. Ambas apresentaram opiniões críticas diferentes sobre como essas ferramentas funcionam.

Também foram produzidos textos autorais e reescritas com o auxílio da IA, o que permitiu reflexões acerca da autoria e identidade na escrita digital. Ao comparar sua produção com a versão reescrita pela IA, a aluna GE relatou ter sentido “ausência de inteligência” ao ver seu texto modificado. Em contrapartida, a aluna A afirmou que a IA pode ser “uma excelente parceira criativa”, ressaltando, entretanto, que a autoria está vinculada à responsabilidade de quem escreve. Esses registros mostram que o letramento digital das participantes foi desenvolvido por meio de práticas de leitura crítica, produção de textos, uso de ferramentas digitais e reflexão sobre as limitações e implicações éticas da inteligência artificial.

Ao testarem diferentes ferramentas de IA e tecerem comentários sobre cada uma, foi possível perceber que as alunas possuem critérios próprios de avaliação, mesmo sem nomeá-los tecnicamente. A aluna GE concluiu que o ChatGPT oferece respostas mais “rasas” e preferiu o DeepSic. A aluna GY também preferiu o ChatGPT e afirmou: “a IA não pensa, é uma máquina”, enquanto DI e I ressaltaram que a IA “pensa”, porém de uma

forma diferente do ser humano. Perceberam também quando a IA fornecia respostas incoerentes.

Procurando estabelecer conexões teóricas entre letramento crítico, autoria digital e vieses algorítmicos, entre a terceira e quinta semanas de oficina, as alunas produziram textos opinativos autorais, sem uso de IA, sobre temas que as afetavam em sua comunidade. Em seguida, utilizaram ferramentas de IA para reescrever os textos e refletiram criticamente sobre as alterações geradas por tais recursos nos textos.

Percebi que as alunas tinham muitas opiniões sobre os impactos das tecnologias em seu bem-estar, tema sugerido para a produção de seus textos. No entanto, algumas apresentaram maior dificuldade em fornecer argumentos e repetiram ideias nos textos produzidos na terceira semana da oficina. Por exemplo, a aluna DI produziu um texto bem estruturado, abordando os efeitos da exposição prolongada às telas. Na reflexão, disse que teve dificuldade no início, mas que foi “ficando mais fácil conforme as palavras iam surgindo”. A aluna GY fez uma redação crítica e objetiva, citando consequências das tecnologias como distúrbios do sono, ansiedade, e a substituição da convivência presencial. Na reflexão, disse que foi difícil escrever, mas que “soube se virar”. A aluna I escreveu com muita clareza e sensibilidade. Descreveu sobre a substituição de momentos de interação humana por uso de telas e concluiu seu texto com um chamado ao equilíbrio. Disse que a parte que “a representa” é a fala sobre o isolamento, o que mostra que escreveu a partir de vivências reais. A aluna GE fez uma redação profunda e cheia de referências. Citou a música Admirável Chip Novo da cantora Pitty e o filósofo Byung-Chul Han para questionar a desumanização trazida pela IA.

Aluna	Tema/Enfoque principal	Evidências de criticidade	Dificuldades observadas	Reflexão da participante
DI	Impactos da exposição prolongada às telas	Relacionou uso excessivo de tecnologia ao bem-estar e à saúde mental	Insegurança inicial para começar a escrita	“Foi ficando mais fácil conforme as palavras iam surgindo.”
GY	Ansiedade, distúrbios do sono e substituição da	Produziu uma redação crítica sobre efeitos sociais das tecnologias	Dificuldade em desenvolver	“Foi difícil, mas soube me virar.”

Aluna	Tema/Enfoque principal	Evidências de criticidade	Dificuldades observadas	Reflexão da participante
	convivência presencial		argumentos mais amplos	
I	Isolamento social e equilíbrio no uso das telas	Demonstrou sensibilidade ao discutir relações humanas mediadas por tecnologia	Menor aprofundamento teórico	Disse identificar-se com a parte do texto sobre isolamento.
GE	Desumanização provocada pela IA	Utilizou referências culturais e filosóficas, como a música <i>Admirável Chip Novo</i> e Byung-Chul Han	Presença de alguns problemas formais na escrita	Relacionou IA e perda da dimensão humana nas relações sociais.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

As produções mostram que, apesar de enfrentarem desafios argumentativos e formais, as participantes já utilizavam suas vivências pessoais, referências culturais e opiniões críticas sobre os efeitos das tecnologias digitais em suas vidas. Além disso, as redações mostraram os primeiros processos de construção de autoria e letramento crítico, principalmente ao conectarem experiências do dia a dia com reflexões sobre saúde mental, isolamento, dependência tecnológica e desumanização.

Observa-se que as alunas pensam criticamente sobre o uso da IA, não só como ferramenta, mas como um agente que interfere diretamente na escrita e na identidade de quem escreve, o que demonstra como as atividades de escrita de textos, propostas na oficina, contribuíram para o desenvolvimento do letramento digital do grupo. Como ressaltei no arcabouço teórico, é importante analisar como grupos, principalmente os menos favorecidos, estão inseridos em práticas digitais. Nesse sentido, o letramento digital pode se relacionar com a participação social e o uso de tecnologias em contextos de desigualdade, sendo também crítico e não focado apenas em conhecimentos técnicos dos sujeitos sobre uso de computador e ferramentas digitais. Vejo a importância de atividades como essa de produção de textos para que as estudantes façam análises críticas dos prós e contras do uso de tecnologias em seu aprendizado.

Na quarta semana, ao reescreverem seus textos com auxílio de ferramentas de IA, a aluna DI percebeu que o texto gerado pela IA ficou mais claro e coeso em relação ao seu. No entanto, identificou mudanças no vocabulário usado por ela, que se distanciaram de sua forma de se expressar. Disse que a IA pode ser “uma excelente parceira criativa, mas a autoria continua sendo sua quando você interpreta e se responsabiliza pelo que escreve”. A aluna GE pediu à IA apenas para corrigir a introdução e a conclusão de seu texto, mas ao ver o texto final, sentiu que perdeu sua voz. Sua reflexão foi madura e crítica - apontou o risco da IA gerar textos “robotizados”, que deixam rastros de artificialidade. Nas atividades dadas o aluno escreveu: “me senti com ausência de inteligência... foi difícil ver o que eu tinha feito ser modificado”. A aluna GY informou que a IA manteve seu estilo e ajudou a deixar seu texto mais formal. No entanto, também reconheceu que precisa melhorar sua autonomia na escrita: “me ensinou que preciso deixar mais formal a minha forma de escrever”. A aluna I percebeu ganhos no texto por ela produzido, com a ajuda da IA, especialmente na introdução e na conclusão, que ficaram mais claras. Porém, apontou a importância de manter a essência do que foi escrito com sinceridade. No parágrafo final de seu texto, assim refletiu: “é essencial repensar o valor da autoria, promovendo o uso ético da IA”.

Percebe-se que quando a IA é usada com intencionalidade pedagógica, como ocorreu na oficina, pode se tornar uma ferramenta de reflexão sobre autoria, o que extrapola o uso técnico dessa tecnologia. Mais do que aprender a escrever com a IA, as alunas tiveram a oportunidade de pensar criticamente sobre o que escreveram, como escreveram e por que escreveram. Algumas alunas tiveram dificuldade em identificar o que mudou exatamente entre os dois textos - o texto por elas produzido e a versão de seu texto reescrita por IA. Percebi um deslumbre inicial entre as alunas com a “melhoria” formal trazida pela IA em seus textos, que precisa ser equilibrado com reflexão crítica sobre autoria e sentido. Foi preciso mediar muito de perto o uso dos *prompts*, dialogando com as alunas, para evitar que o texto reescrito pela IA se tornasse completamente alheio aos seus estilos de escrita.

Na quinta semana da oficina, houve outra atividade que também contribuiu para o desenvolvimento do letramento em IA por parte das alunas. Como vimos, o letramento crítico em IA está além dos conhecimentos digitais e tecnológicos. Envolve ter entendimento dos impactos sociais e éticos ao utilizar recursos de IA. Por isso, propus às alunas que criassem imagens com a ajuda de IA, a partir de *prompts* sobre profissões.

Assim seria possível analisar estereótipos e refletir sobre a invisibilização de certos grupos raciais nas imagens produzidas por IA. Para encorajar essa reflexão, as alunas foram incentivadas a escreverem legendas críticas para cada imagem gerada pela IA. As frases utilizadas para os *prompts* nesta atividade foram: uma médica, uma pessoa rica, um cientista, uma bailarina, um empresário, um artista de obras de artes, um jogador de futebol, uma advogada e um cantor famoso. Das legendas críticas, as alunas questionaram: Por que uma pessoa branca na imagem da médica? Por que um homem e não uma mulher como pessoa rica? Por que mais um homem como cientista? Por que não uma asiática como bailarina? Por que não uma pessoa com deficiência como um empresário? Por que a pessoa é branca representada como um artista? Por que o jogador de futebol é branco e os cabelos lisos? Por que o cantor não é uma pessoa com deficiência física? Por que advogada não possui cabelo ondulado?

Com essa atividade, percebi notei que as alunas conseguiram fazer uma análise crítica das imagens geradas por sistemas de inteligência artificial. Elas identificaram padrões recorrentes associados a algumas profissões, especialmente nos casos em que a IA gerou predominantemente imagens de pessoas brancas, jovens, sem deficiência e que atendem aos padrões estéticos predominantes para representar profissionais de certos campos. Houve ocasiões em que algumas alunas demonstraram hesitação ao apresentar críticas mais contundentes. Além disso, em certos momentos, a atividade suscitou sentimentos de exclusão, principalmente em relação à raça, aos padrões de beleza e à falta de representação de pessoas com deficiência nas imagens produzidas. Uma das participantes, por exemplo, perguntou por que quase todas as representações de profissionais tinham traços brancos e cabelos lisos. Outra expressou desconforto com a falta de pessoas com deficiência nas imagens geradas pela IA dizendo que não se sentia representada naquele conjunto visual.

Essas respostas demonstraram como os vieses algorítmicos replicam as desigualdades sociais existentes e como as alunas foram capazes de identificar criticamente os processos de invisibilização racial, corporal e de gênero nas representações geradas pelas ferramentas de IA.

Ademais, houve problemas técnicos ao adaptar os *prompts* para criar uma maior variedade de representações, o que também se tornou parte do exercício crítico sobre as limitações da ferramenta. Entendi, com base nas discussões e atividades realizadas durante as oficinas, que as alunas estavam desenvolvendo um senso crítico e se

mostraram dispostas a refletir sobre os perigos das tecnologias que usam no dia a dia. Na sexta semana da oficina, durante a discussão sobre *fake news* e os limites da Inteligência Artificial, DI admitiu que a IA não “mente de propósito”, porém pode cometer erros ao interpretar uma solicitação de forma inadequada. Em seu texto, enfatizou que a IA não tem sentimentos nem consciência, sendo responsabilidade dos usuários usá-la de maneira ética.

GE redigiu um texto bem estruturado, no qual esclareceu que a IA funciona com base em padrões estatísticos e pode “alucinar” dados. Como exemplo, citou um equívoco real relacionado ao ChatGPT, que declarou de forma imprecisa que o piloto Ayrton Senna teria morrido em Interlagos. Na verdade, Senna faleceu em 1994, durante o Grande Prêmio de San Marino, no autódromo de Ímola, na Itália. O exemplo destacou a capacidade da IA de criar informações falsas que parecem verdadeiras, enfatizando a importância de verificar continuamente as informações geradas por essas ferramentas. Seu texto deixou claro que “a IA pode ser inteligente, mas não é infalível”.

GY destacou os perigos associados ao uso da IA na criação e propagação de notícias falsas, além de defender o uso de sites de verificação de fatos como uma estratégia de proteção contra a desinformação. Além disso, enfatizou a importância de estabelecer limites e diretrizes claras para o uso da IA, observando que essas tecnologias apenas replicam padrões com base em dados, sem entender contexto ou verdade. Sua conclusão sintetiza essa reflexão ao afirmar que “o conhecimento exige mais do que dados: exige ética e reflexão”. Assim, nas oficinas finais, ao discutirmos tópicos como ética, desinformação e síntese crítica, foi possível notar que as alunas integraram, em seus trabalhos escritos, as reflexões feitas durante as atividades. Isso evidenciou uma compreensão mais aprofundada dos perigos ligados ao uso das tecnologias digitais, além da relevância de cultivar o letramento digital crítico em suas rotinas diárias.

Essa oficina reforçou algo que acredito profundamente: formar leitores e leitoras críticos vai além da leitura de texto escrito, envolve a leitura de imagens, vídeos, ferramentas e intenções. As alunas participantes entendem que a IA é útil, mas precisa ser usada com responsabilidade. E mais do que isso: ela não substitui a inteligência humana. Com tempo, escuta e espaço, acredito que as alunas podem se tornar multiplicadoras desse conhecimento em suas comunidades.

Nas apresentações multimodais que criaram nas duas últimas semanas de oficina, foi possível perceber a tomada de posição das alunas sobre um tema tão caro que nos

afeta em sociedade, ao analisar a forma como conseguiram organizar os temas discutidos, escolher as informações a serem colocadas nos *slides* de suas apresentações, equilibrando os riscos e as soluções quando se trata de uso de IA. GY criou uma apresentação com o tema “*Fake News* e Inteligência Artificial”, trazendo definições, exemplos de como as *fake news* se espalham e o papel da IA na disseminação de (des)informação. Além disso, explicou o conceito de *deepfakes* e, por fim, trouxe riscos e formas de combater a desinformação. A participante desenvolveu seu material no *Canva*, e demonstrou autonomia no uso da plataforma, alinhando conteúdo visual e textual de forma coerente. Sua conclusão na apresentação foi a seguinte: “A IA é uma ferramenta poderosa, mas precisa ser usada com responsabilidade”.

GE entregou o modelo de apresentação no *Canva* também com o tema proposto. Nas semanas anteriores, já havia demonstrado bastante criticidade sobre o papel da IA na saúde e na escrita, então manteve essa linha de argumentação em sua apresentação. Durante sua exposição, comentou: “o conhecimento exige mais do que dados: exige consciência, ética e reflexão”.

As alunas demonstraram timidez no momento de suas apresentações, mas essa foi superada com apoio do grupo e com as produções autônomas e criativas criadas. Algumas apresentações estavam mais visuais do que explicativas, e foi necessário intervir com perguntas para estimular seu aprofundamento. Algumas precisaram de ajuda para definir a ordem de apresentação das informações nos *slides* ou para escolher um modelo adequado de apresentação. Quando se fala em inclusão digital, é de extrema importância haver suporte e mediadores na produção de conhecimento e aprendizagem em sala de aula, o que me fez pensar na necessidade de minha mediação ao longo das oficinas.

As alunas me ensinaram o que significa formar sujeitos críticos e participativos através da tecnologia. Juntas, aprendemos que o letramento não é sobre ler e escrever apenas, mas sobre se entender no mundo. Ao ouvir as alunas se autoavaliando no último dia de oficina, percebi o quanto o projeto as impulsionou a desenvolverem autonomia, confiança, autoria e a pensarem sobre representatividade. Algumas disseram: “agora penso duas vezes antes de usar uma ferramenta de IA sem refletir”. Outras comentaram que se sentiram valorizadas por poderem falar de suas experiências e serem ouvidas. O projeto não foi só sobre usar tecnologia; foi sobre voz, autoria, empoderamento e pertencimento. Como ressaltam Joaquim, Vóvio e Pesce (2020), o letramento digital pode ser uma ferramenta de empoderamento aos sujeitos, auxiliando na resistência a

estruturas de poder e injustiças, sendo imprescindível ter uma postura crítica perante as tecnologias para uma transformação social, tal como procurei estimular ao longo das oficinas.

Conforme abordado na fundamentação teórica deste trabalho, os multiletramentos englobam a interpretação e a criação de significados utilizando diversas linguagens, semioses e práticas socioculturais que permeiam os contextos atuais, sobretudo os digitais. Nesse contexto, não se limitam apenas à leitura e escrita verbal; abrangem também linguagens visuais, sonoras, digitais, imagéticas e multimodais, que podem ser encontradas em vídeos, memes, imagens, interfaces, redes sociais e ferramentas de inteligência artificial. Conforme Silva (2020) explica, muitos alunos já estão inseridos em contextos digitais, mas nem sempre desenvolvem uma reflexão crítica sobre os significados, ideologias, relações de poder e formas de representação que existem nesses ambientes.

Ao longo das oficinas, o objetivo foi justamente fomentar essa perspectiva crítica dos multiletramentos, encorajando as alunas a interpretar, questionar e criar conteúdos digitais de maneira reflexiva. As participantes empregaram ferramentas digitais tanto em sua função prática quanto como objeto de análise crítica, especialmente em atividades que incluíam a leitura de memes, comparação de respostas geradas por IA, reflexão sobre autoria, identificação de vieses algorítmicos e produção de textos multimodais com e sem o uso de inteligência artificial.

Dessa forma, as oficinas ajudaram a desenvolver o letramento digital crítico das alunas, que é entendido não só como a habilidade técnica de usar dispositivos e plataformas, mas também como a capacidade de entender, avaliar e questionar os efeitos sociais, culturais, éticos e políticos das tecnologias digitais. Nesse cenário, o letramento digital vai além do uso instrumental das ferramentas, englobando formas de participação, autoria, posicionamento crítico e entendimento de si mesmo e do mundo em uma sociedade permeada por tecnologias.

A inclusão digital, foco também desta pesquisa, é a garantia que indivíduos tenham acesso às ferramentas digitais, capacitação para seu uso e entendimento sobre as potencialidades e limitações das tecnologias digitais disponíveis. Enquanto estudantes do ensino médio que estão desenvolvendo seus letramentos acadêmicos, acredito ser importante para as alunas participantes das oficinas saberem utilizar recursos digitais

para criação de conteúdo e para pesquisa, que são práticas comuns em uma sociedade marcada pelas tecnologias digitais

Ao oferecer a oportunidade de realizarem diversas atividades práticas com o uso de tecnologias digitais e IA, as alunas conseguiram se sentir parte desta realidade tecnológica em que estamos inseridos na atualidade. Ao entenderem que as ferramentas digitais nada mais são que uma criação humana, carregadas de conceitos ideológicos, podendo transmitir desinformação, as alunas conseguiram captar a importância em pesquisar determinados assuntos com uma postura crítica, a fim de buscar fatos. Perceberam a importância de avaliar e posicionar-se diante das informações obtidas, principalmente quando estas sofrem a interferência das IA. Conseguiram entender que a IA não é uma ferramenta de total confiabilidade, exigindo das pessoas ética e reflexão. Por fim, perceberam que a IA, se utilizada sem entendimento crítico, poderá gerar conteúdos robotizados e sem criatividade.

O projeto não só incentivou a inclusão digital e o letramento das alunas, mas também teve um impacto significativo na minha formação como docente, particularmente no que se refere à criação de estratégias para o letramento digital de jovens e à promoção de sua participação crítica no mundo da tecnologia. As oficinas demonstraram que as práticas de letramento digital não devem se limitar ao uso instrumental das ferramentas, mas requerem atividades que integrem análise crítica, autoria e reflexão ética em relação à tecnologia. Durante o processo, percebi a relevância de escolher recursos que se conectem com a realidade das alunas como memes, notícias, imagens e textos gerados por IA, e sugerir tarefas que estimulem a experimentação, a comparação entre produções humanas e automatizadas, a detecção de vieses e o uso responsável de prompts. Além disso, notei que criar espaços de diálogo, realizar mediações constantes e promover revisões colaborativas de textos e imagens são essenciais para aumentar a autonomia e a capacidade crítica dos estudantes. Dessa forma, o projeto não só expandiu meu repertório metodológico, como também reforçou a importância de uma prática docente que integre tecnologia, significado e criticidade, superando a simples aplicação técnica de ferramentas digitais.

Conclusões finais

A IA surge como uma tentativa de se criar sistemas capazes de imitar a inteligência humana, e funciona e consegue aprimorar suas ferramentas e desempenho por meio de acumulação a partir de grandes quantidades de informações e dados. Pode oferecer inúmeras vantagens para a sociedade, em especial para a área acadêmica. Possibilita a automação de tarefas, a tomada de decisões rápidas e precisas, otimiza processos, auxilia na obtenção de informações e na geração de textos (escritos, orais, imagéticos), de forma rápida. Contudo, por ser alimentada por humanos ou por aprender a partir de conhecimentos disponibilizados na rede por humanos, é carregada de informações preconceituosas e tendenciosas, e pode, assim, atuar na divulgação de informações falsas. Com isso, é urgente a reflexão sobre seu funcionamento e seus usos, a qual foi foco das oficinas propostas como parte do projeto de IC aqui relatado, que envolveram atividades práticas com recursos digitais e de IA, como por exemplo, a criação de *prompts*.

Ao longo das atividades da oficina, as alunas mostraram os conhecimentos prévios que já tinham sobre IA e revelaram suas dificuldades no uso de ferramentas digitais. Foram desenvolvidas atividades ao longo de oito semanas e foi possível acompanhar a evolução das alunas participantes, tanto em seu desempenho em criar imagens e textos com o auxílio de recursos de IA, quanto no entendimento de que esses devem ser usados de forma crítica e ética para que, assim, atuem como facilitadores na construção de conhecimento e na produção de textos. Por meio de práticas multiletradas, as alunas puderam testar recursos digitais, produzir textos e apresentações com ou sem o auxílio de IA, falar em público com maior facilidade, se posicionar em relação ao papel da IA e trocar saberes com os colegas e com a graduanda, ministrante da oficina. Debateram a importância do letramento digital crítico e do letramento em IA para sua inserção em uma sociedade marcada pelas tecnologias digitais.

Espero que este artigo contribua com a área de Linguística Aplicada, principalmente no que diz respeito ao ensino e à aprendizagem de linguagens, ao trazer atividades pedagógicas que podem ser empregadas para encorajar o letramento digital crítico de adolescentes, mais especificamente, o letramento em IA.

Referências

- ARCOVERDE, Ana Cristina Brito; LEITE, Josimeira de Omena. **Hegemonia e filosofia da práxis: os desafios ao serviço social**. Revista Katálysis, v. 20, n. 1, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/3SK4VgQY5qwDML9BGpDwytc/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 04 out. 2025.
- BARROS, Leiliane Nunes de et al. **Trajetória acadêmica da Inteligência Artificial no Brasil**. In: COZMAN, Fabio G.; PLONSKI, Ary; NERI, Hugo (Org.). *Inteligência Artificial: avanços e tendências*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Computação, 2023. Disponível em: <https://comissoes.sbc.org.br/ce-ia/files/trajetoria-IA-cap-livro.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2025.
- BOFANTE, Gleiton Matheus. **ChatGPT não é gênero discursivo**. Domínios de Linguagem, v. 8, Uberlândia, 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/download/74505/39668/349893>. Acesso em: 19 ago. 2025.
- BRAGA, Denise B.; VÓVIO, Cláudia Lemos. **Uso de tecnologia e participação em letramentos digitais em contextos de desigualdade**. In: BRAGA, Denise B. (Org.). *Tecnologias digitais da informação e comunicação e participação social: possibilidades e contradições*. São Paulo: Cortez, 2015.
- BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. **Estratégia Brasileira de Inteligência Artificial (EBIA)**. Brasília, DF: MCTI, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/transformacaodigital/arquivosinteligenciaartificial/ebia-documento_referencia_4-979_2021.pdf. Acesso em: 13 ago. 2025.
- BUZATO, Marcelo El Khouri. **Inclusão digital como invenção do cotidiano: um estudo de caso**. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 38, Campinas, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/SX9HjQZNmbGBgKnf33dxv4t/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 ago. 2008.
- CARVALHO, Thaisi. **6 concorrentes do ChatGPT que você deveria testar**. TechTudo, 2024. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2024/11/6-concorrentes-do-chatgpt-que-voce-deveria-testar-edsoftwares.ghml>. Acesso em: 18 ago. 2025.
- COSTA, Albert França Josué et al. **Radar Tecnológico: inteligência artificial generativa**. Brasília, DF: ANPD, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/anpd/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos-tecnicos-orientativos/radar_tecnologico_ia_generativa_anpd.pdf. Acesso em: 05 ago. 2025.
- CRESPO, Larissa Codeço; CRESPO, Natália Deus de Oliveira (Org.). **Ferramentas digitais para o ensino: o ensino remoto emergencial em evidência**. 1. ed. Recife: Even3 Publicações, 2020. Disponível em: <https://portal1.iff.edu.br/o-iff/ffluminense/pesquisa/pos-graduacao-stricto-sensu/mestrado-profissional-em-ensino->

[e-suas-tecnologias/biblioteca-virtual/e-books/ferramentas-digitais-para-o-ensino-o-ensino-remoto-em-evide-1.pdf](#). Acesso em: 22 ago. 2025.

CURRY, Niall; GUILLAMÓN, Carlos Ordóñez; PAREDES, Pascual Pérez. **Critical AI literacy for applied linguistics and language education students**. Journal of Computer Assisted Language Learning, De Gruyter, 2025. Disponível em: <https://e-space.mmu.ac.uk/640898/1/10.1515/jccall-2025-0005.pdf>. Acesso em: 19 set. 2025.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2015.

GOBIRA, João. **Bolha social**. Conexa Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.conexasaude.com.br/blog/bolha-social/>. Acesso em: 17 set. 2025.

JOAQUIM, Bruno dos Santos; PESCE, Lucila. **Inclusão digital, empoderamento e educação ao longo da vida: conceitos em disputa no campo da educação de jovens e adultos**. Crítica Educativa, v. 3, n. 3, Sorocaba, 2017. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/244/361>. Acesso em: 19 ago. 2025.

JOAQUIM, Bruno dos Santos; VÓVIO, Cláudia Lemos; PESCE, Lucila. **Inclusão e letramento digital na educação de jovens e adultos: uma análise teórica sob a perspectiva decolonial**. Linguagem em Foco, v. 12, n. 2, p. 248–268, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4053>. Acesso em: 22 ago. 2025.

JUNIOR, Edelvicio Souza. **Os desafios do uso da Inteligência Artificial no Brasil**. EMBRAPPII, 2023. Disponível em: <https://embrapii.org.br/desafios-uso-inteligencia-artificial-brasil/>. Acesso em: 17 ago. 2025.

KAUFMAN, Dora; SANTAELLA, Lucia. **O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais**. Famecos, v. 27, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/34074/19629>. Acesso em: 19 ago. 2025.

LEE, Kai-Fu. **Inteligência artificial: como os robôs estão mudando o mundo, a forma como amamos, nos relacionamos, trabalhamos e vivemos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

MEKARI, Danilo. **Linha do tempo: história da inteligência artificial na educação**. Porvir, 2023. Disponível em: <https://porvir.org/linha-do-tempo-historia-da-inteligencia-artificial-na-educacao/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SILVA, Maria Jeane Souza de Jesus. **Letramento digital crítico e multiletramentos: memes de internet como meios para formação do ciberleitor**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia, 2020. Disponível em: <http://www.mped.uneb.br/wp-content/uploads/2020/11/TFCC-MARIA-JEANE.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.

SOBREIRA, Victor. **Um panorama da história da Inteligência Artificial e suas aplicações na pesquisa histórica**. Varia Historia, v. 41, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/rBFnX4gCZ4N8fcRt6mjxbFQ/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2025.

TUMOLO, Celso. **Recursos digitais e a aprendizagem de inglês como língua estrangeira**. Ilha do Desterro, n. 66, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ides/a/pzk5vGqTKzBKCSrbzCgQzbv/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 19 ago. 2025.

VENZI, Matheus. **A inteligência artificial vai prejudicar a educação? Descubra pontos positivos e negativos**. Geração SESI SENAI, 2024. Disponível em: <https://noticias.portaldaindustria.com.br/noticias/geracao-sesi-senai/a-inteligencia-artificial-vai-prejudicar-a-educacao-descubra-pontos-positivos-e-negativos/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

VILLARINHO, Juliana. **O que é prompt? Como usar? Tire dúvidas sobre o comando**. TechTudo, 2024. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/guia/2024/09/o-que-e-prompt-como-usar-tire-duvidas-sobre-o-comando-edsoftwares.ghml>. Acesso em: 22 ago. 2025.